

AVALIAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE CRENÇAS SOBRE A VARIAÇÃO DIATÓPICA NO NÍVEL LEXICAL

JULIA DA ROSA DIOGO¹; BERNARDO KOLLING LIMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – diogojulia81@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – limberger.bernardo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os diferentes falares expressos em nossa sociedade remetem ao fato de que a língua não é uniforme, pois ela se apresenta de forma diferenciada de acordo com o meio sociocultural que cada pessoa vive, além disso, se caracteriza de acordo com a região em que cada indivíduo está inserido. Isso pode ser constatado quando observamos a fala de uma pessoa que mora, por exemplo, no Rio Grande do Sul (RS) e outra que mora na Bahia (BA). Essa variação geográfica pode ser encontrada, inclusive, dentro do mesmo estado. No RS, por exemplo, ao se referir ao “menino”, em alguns lugares se diz “guri”, em outros “piá”. Há o uso também de ambas as formas.

A variação regional, também chamada de diatópica, foco principal deste trabalho, é aquela que ocorre em função do local, ou seja, do espaço geográfico em que o falante é originário ou se situa. Segundo Araújo (2014), a escola não pode deixar de priorizar essa variação, pois as salas de aula abrigam indivíduos de diversas regiões, que expressam suas marcas linguísticas, próprias do seu meio.

Segundo Farias e Silva (2022), a variação linguística, principalmente no Brasil, não é somente um fator linguístico. A estratificação social está relacionada às variedades linguísticas, como acontece na diferenciação das variedades rurais e urbanas, “aqueles que fazem uso da primeira são julgados incultos não somente pelos falantes da segunda variedade, mas, também, por si mesmos” (FARIAS; SILVA, 2022, p. 56). Para as autoras, não é raro ouvir de algumas pessoas, ao serem perguntadas se desejam aprender um novo idioma, responderem que não, tendo como justificativa que “mal” falam o português. Dessa forma, cabe questionar: “O que seria falar mal ou bem uma língua? Existe uma forma correta? E o que motiva o falante a pensar dessa forma?” (FARIAS; SILVA, 2022, p. 57). A resposta a essas perguntas está relacionada com o ideal de língua que é buscado por aqueles que creem que qualquer variedade fora da gramática normativa está incorreta e não deve ser usada. Isso justifica o interesse no estudo sobre crenças, já que elas podem influenciar o ensino e a aprendizagem.

Ao pensarmos em crenças e atitudes linguísticas, é importante ressaltar, conforme Costa (2019), que esses conceitos não devem se limitar apenas ao espaço escolar e às questões linguísticas, já que eles se constituem a partir do meio em que os sujeitos foram inseridos, colocando-se em destaque suas comunidades de pertencimento.

Portanto, segundo Madeira (2005), as crenças são o que se entende sobre algo, isto é, o conhecimento implícito que se carrega, não embasado na investigação sistemática. O interesse no estudo de crenças, no campo de ensino e aprendizagem de língua, ocorreu devido à influência que podem exercer nesse processo (MADEIRA, 2005). Neste estudo, o foco é dado às crenças linguísticas dos estudantes, diferenciando-as das atitudes.

Conforme Frasson (2016), as pesquisas relacionadas às crenças e atitudes linguísticas contribuem para haja a desmistificação da suposta superioridade da

norma culta em relação às demais normas, uma das principais bases para o preconceito linguístico (BAGNO, 2009). Estudar as crenças e atitudes linguísticas pode contribuir de forma significativa para a melhoria do ensino de língua portuguesa, já que muitas vezes atuam como causadoras da baixa autoestima dos alunos em relação à variedade linguística que falam.

Este trabalho é um recorte do projeto de dissertação que tem como um dos seus objetivos específicos analisar quais são as crenças linguísticas de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II sobre a variação linguística regional nas aulas de Língua Portuguesa. O objetivo do presente trabalho é verificar a aplicabilidade das questões elaboradas no questionário de crenças. Para isso, foi elaborado um questionário utilizando a escala de Likert. Antes de aplicar o questionário com os alunos no 9º ano, foi feito um teste piloto com voluntários de diferentes faixas etárias. Para elaboração do questionário, foram revisados alguns estudos como os de Marques e Baronas (2015), Frasson (2016), Santos (2017), Silva (2019) e Correia (2022). Em síntese, os estudos mostram que voltar os conteúdos para a variação linguística pode auxiliar os estudantes a compreenderem o que é a variação e a necessidade de adequação aos contextos.

2. METODOLOGIA

A fim de atingir o objetivo proposto para este trabalho, foi elaborado um questionário sobre crenças em relação à variação regional, com base nos estudos prévios de Marques e Baronas (2015), Frasson (2016), Santos (2017), Silva (2019) e Correia (2022). No questionário, são apresentadas algumas afirmações (por exemplo, “Existem regiões do país que usam palavras mais bonitas do que em outras” e “Tenho orgulho do meu jeito de falar”), e os informantes devem responder de acordo com a escala de Likert de 5 pontos (discordo totalmente, discordo em parte, nem concordo e nem discordo, concordo em parte e concordo totalmente). Antes da aplicação na turma do 9º ano do Ensino Fundamental, que será a amostra-alvo, ele foi avaliado por quatro especialistas em Linguística. Depois de realizar as alterações sugeridas, aplicou-se um estudo piloto com pessoas voluntárias de diferentes faixas etárias e com pessoas com perfil parecido com a amostra-alvo, visando verificar a aplicabilidade das questões. Para isso, disponibilizou-se o questionário virtualmente a partir do Google Formulários. Além das afirmações sobre variação diatópica, os informantes respondem a sua idade, seu sexo/gênero, seu nível de escolaridade, se usam outra língua no seu cotidiano, se costumam ler livros, jornais ou revistas e se os pais costumam ler livros, jornais ou revistas. Em todas as afirmações, há um espaço destinado para os participantes justificarem a sua resposta, caso achem necessário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação pelos especialistas confirmou que o questionário está bem assertivo, as instruções e afirmações estão claras e objetivas e as questões apresentadas deixam claro o foco na variação lexical, considerando o nível regional, foco do trabalho. Além disso, foram feitas algumas sugestões para melhor formulação das afirmações (por exemplo, escrita na ordem canônica, retirada das ambiguidades e especificação do Estado e/ou cidade, ao invés do uso “sua região”) e para deixar o questionário mais fácil de ser respondido pelo público-alvo, inserindo, por exemplo, opções de resposta. Apresenta-se aqui a análise preliminar referente a duas afirmações. Os resultados parciais contam com a participação de

vinte voluntários (14 mulheres e 6 homens), dos quais 60% possuem ensino superior completo, 25% ensino superior incompleto, 10% ensino médio completo e 5% ensino fundamental incompleto. A média de idade dos participantes é de 30 anos. Todos concordaram em ceder os dados para esta investigação.

Na afirmação “Eu posso falar do mesmo jeito em todas as situações da vida”, 30% discordaram em parte, 11% discordaram totalmente, 10% concordaram em partes e 5% nem concordaram e nem discordaram. Isso indica que quase todos os participantes sabem que devem adequar a sua linguagem ao contexto a qual estão inseridos, seja ele mais formal ou informal. Nas justificativas, a maioria dos participantes destacaram a questão da linguagem formal e informal e o fato de que cada ambiente exige um certo grau de monitoramento estilístico, como propõe Bortoni-Ricardo (2004).

Na afirmação “Existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros”, 45% concordaram totalmente, 25% concordaram em parte, 25% nem concordaram e nem discordaram e 1% discordou totalmente. Isso indica que, mesmo que todos tenham a língua portuguesa como sua língua materna, em todos os lugares e situações da vida, ainda há a crença de que alguns falam melhor do que os outros, crença está atrelada ao uso da gramática normativa. A maioria dos participantes justificou que esse fato está ligado ao grau de escolaridade das pessoas, quanto maior o grau de instrução, mais “corretamente” essas pessoas utilizarão a língua.

Espera-se, com o estudo piloto, averiguar a aplicabilidade das questões, buscando trazer mais confiabilidade na coleta dos dados. Isso pode ser feito a partir das respostas e das justificativas dos participantes, visando verificar se o entendimento das afirmações foi como pretendido. Além disso, a partir do estudo piloto, será avaliado o questionário para verificar se as afirmações são adequadas e, posteriormente, proceder a sua implementação e/ou reformulação.

As respostas dadas ao questionário são analisadas e comparadas com os estudos empíricos trazidos no referencial teórico (COSTA, 2019; AGUILERA, 2008; BARCELOS, 2004; MADEIRA, 2005; FRASSON, 2016); MARQUES; BARONAS, 2015; SANTOS, 2017; SILVA, 2019; CORREIA, 2022). Após o recolhimento dos dados com a amostra-alvo, a análise das respostas será apresentada em gráficos com porcentagens e categorias para melhor interpretação dos resultados. Será analisada como cada informante respondeu à escala de Likert referente às afirmações e a relação das respostas com a faixa etária, sexo/gênero de cada um deles.

4. CONCLUSÕES

Este estudo pode contribuir para a resolução de problemas no que se refere às crenças linguísticas, pois elas podem dificultar a aceitação da própria fala, principalmente dos falantes das variedades mais populares, e isso pode ter consequências diretas na aprendizagem (SANTOS, 2017). Com relação ao trabalho com a variação, esta pesquisa aponta para a importância de se ter um embasamento teórico consistente acerca da linguagem em seu funcionamento social, para que professores e futuros professores possam atuar, de forma competente, na orientação da aprendizagem e na formação contínua dos estudantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 37, n. 2, p. 105-112, 2008.

ARAÚJO, M. J. O. **A variação linguística em sala de aula**: uma proposta de intervenção reflexiva sobre o preconceito linguístico. 2014. 70f. Dissertação de mestrado — Programa de Pós-graduação em Linguística e Ensino, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

BORTONI-RICARDO S. M. **Educação em Língua Materna**: A Sociolinguística na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CORREIA, I. S. L. **Crenças e atitudes linguísticas na Educação Básica**. 2022. 74f Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

COSTA, M. M. C. da. **Crenças e atitudes linguísticas de professores de Língua Portuguesa: a variação linguística na oralidade**. 2019. 143f. Dissertação (mestrado) - Programa de pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

FARIAS, A. C. F. de; SILVA, M. da G. T. O tratamento que a escola dá à variedade linguística do aluno do ensino fundamental de uma escola da zona rural, do município de Imperatriz-MA. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 16, n. 34, p. 54–72, 2022.

FRASSON, Carla Beatriz. **Crenças linguísticas e a realidade da sala de aula: propostas sociolinguísticas para o ensino de língua portuguesa no nono ano do ensino fundamental**. 2016. 199 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

MADEIRA, F. Crenças de professores de Português sobre o papel da gramática no ensino de Língua Portuguesa. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 8, n. 2, 2005, p. 17-38.

MARQUES, T. M; BARONAS, J. E. DE A. Crenças e atitudes linguísticas na sala de aula. **Linguagem**, v. 24, n. 1, pag. 1-16, 2015.

SANTOS, R. F. **Variação Linguística: trabalhando crenças, atitudes e o livro didático**. 2017. 240f. Dissertação de mestrado — Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.